

A persistente leitura fundamentalista da Bíblia

The Persistent Fundamentalist Reading of the Bible

Carlos André da Cruz Leandro

Resumo

O fundamentalismo bíblico é um movimento que nasce no seio da comunidade protestante norte-americana, em reação às aquisições da ciência e ao ambiente cultural do século XIX. Dentre seus princípios, a inerrância bíblica e o conceito de inspiração verbal a ela associada são os que produzem maiores consequências para a leitura bíblica. Como resultado, a leitura fundamentalista da Bíblia se caracteriza por uma concepção da relação entre Deus e o autor sagrado, na qual há a garantia de ausência absoluta de erros. Porém, essa afirmação pode conter matizes que permitem perceber a tensão que ela provoca, de modo que o fundamentalismo atual pode representar uma reação à nova subjetividade pós-moderna. Neste sentido, não há razão para crer que as advertências do documento da Interpretação da Bíblia na Igreja seja uma defesa contra o fundamentalismo dos outros, pois estamos todos submetidos às mesmas condições culturais que favorecem a persistência do fundamentalismo no seio de nossas comunidades cristãs.

Palavras chave: Fundamentalismo. Inerrância. Inspiração. interpretação bíblica.

Abstract

Biblical fundamentalism is a movement that was born within the North American Protestant community, in reaction to the achievements of science and the cultural environment of the 19th century. Among its principles, biblical inerrancy and the concept of verbal inspiration associated with it are those that produce the greatest

consequences for biblical reading. As a result, the fundamentalist reading of the Bible is characterized by a conception of the relationship between God and the sacred author, in which there is a guarantee of the absolute absence of errors. However, this statement may contain nuances that allow us to perceive the tension it provokes, so that current fundamentalism may represent a reaction to the new postmodern subjectivity. In this sense, there is no reason to believe that the warnings in the Interpretation of the Bible in the Church document are a defense against the fundamentalism of others, as we are all subject to the same cultural conditions that favor the persistence of fundamentalism within our Christian communities.

Key words: Fundamentalism. Inerrancy. Inspiration. Biblical interpretation.

Introdução

O fundamentalismo é um tema contemporâneo de caráter interdisciplinar e pungente, desde que se tornou relevante no cenário público, revelando a virtude catalisadora de energias psíquicas e sociais, capazes de mobilizar massas e interferir politicamente em proporções globais. A dimensão planetária do fenômeno, cujas características remetem a uma certa “visão de mundo”¹, produz uma inflação de sentidos que exige um diagnóstico do seu contexto preciso, antes de elaborar uma abordagem academicamente coerente². Neste sentido, se pode constatar que, em geral, para cada âmbito em que o termo é comumente empregado, um conjunto de características sempre negativas são associadas, de sorte que, para quase toda atividade que envolve a tarefa interpretativa, se poderia encontrar uma impositação rotulável de fundamentalista³. Porém, frequentemente, os que utilizam este rótulo não atinam para o seu vínculo estreito com a religião e em particular a leitura

1 Tomada em perspectiva filosófica, esta expressão traduz o termo alemão, *Weltanschauung*, um conceito complexo do campo hermenêutico, podendo ser definido como “Concepção global, de caráter intuitivo e pré-teórico, que um indivíduo ou uma comunidade formam de sua época, de seu mundo, e da vida em geral.” Aproxima-se do conceito de ideologia por ser uma “Forma de considerar o mundo em seu sentido mais geral, pressuposta por uma teoria ou por uma escola de pensamento, artística ou política.” JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. “*Weltanschauung*”. O documento “Interpretação da Bíblia na Igreja” da PCB não deixa de assinalar esse elemento de fundo na leitura fundamentalista da Bíblia.

2 LIMA, J. A., “Fundamentalismo”, p. 91.

3 Fundamentalismo religioso, ético, cultural, político, ateu, científico etc.

bíblica. É, de fato, no campo religioso que o fundamentalismo é prioritariamente identificado, e apenas por extensão, como uma metáfora, aplicado a outros campos da atividade humana, enquanto designação de uma atitude conservativa frente às transformações do mundo contemporâneo. Por isso, tomado nesta perspectiva, tanto protestantes quanto católicos, judeus ou muçulmanos, todos seguidores de uma revelação conservada majoritariamente num livro ou numa tradição religiosa⁴, estão sujeitos a encontrar, com maior ou menor intensidade, alguma forma de fundamentalismo em suas fileiras:

Doutrinal e definitivo, insensível à dimensão transracional e simultaneamente temporal da própria razão, o fundamentalismo é uma anti-hermenêutica na sua recusa pertinaz de toda a interpretação, que lhe possa disputar o domínio. A absolutização de uma visão fragmentária, abstrata e acrítica, que se converte em concepção única de mundo, com exclusão e condenação de todas as que diferem, é o traço que interliga todas as variantes de fundamentalismo religioso muçulmano, protestante, católico, hinduísta, budista, etc. e filosófico⁵.

Portanto, é o âmbito da interpretação bíblica o campo próprio para o estudo do fundamentalismo, tomado do ponto de vista da origem do fenômeno. Decorre então que é uma exigência natural abordar o tema, como faz o documento da Pontifícia Comissão Bíblia (PCB), *A interpretação da Bíblia na Igreja*, dispondo a leitura fundamentalista da Bíblia no fim do capítulo I, “Métodos e abordagens para interpretação”. Pelo contrário, o que surpreende no texto da PCB é a afirmação forte de que o fundamentalismo não apenas é uma recusa a utilizar as ferramentas próprias a todo trabalho interpretativo, mas se configura, talvez por causa desta recusa, em “uma forma de suicídio do pensamento”⁶. Uma afirmação tão assertiva merece ser aprofundada a fim de evitar generalizações, tornando a merecida crítica ao fundamentalismo inócua, incapaz de produzir um discernimento eficaz do que configura uma leitura fundamentalista. Mormente, se tratando de um documento voltado para a instrução da comunidade católica, fica claro que não se trata somente

4 A opinião de Pierucci, para quem “Não é possível ser fundamentalista em uma religião que não tenha um livro sagrado”, desde que se entenda fundamentalismo em sua acepção mais estrita, baseada na fé numa “palavra escrita que é revelada” (Citado por LIMA, J. A. “Fundamentalismo”. p. 97), não é plenamente divisível, senão no sentido estreito da noção de fundamentalismo em suas origens protestantes, lastreado pelo princípio da *sola Scriptura*.

5 PEREIRA, M. B., “Modernidade, fundamentalismo e pós-modernidade”. p. 216.

6 Estaria a PCB evitando a distinção entre “fanatismo” e “fundamentalismo”?

de uma crítica à “quitanda do vizinho”, mas uma chamada de atenção para os riscos de tal leitura também no seio das comunidades católicas. No entanto, é notável que, passados trinta anos, as advertências presentes no documento da PCB não perderam sua atualidade, muito pelo contrário. Se é comum notar que esse tipo de leitura bíblica persiste em ambientes protestantes, é mister considerar que também grassa em certos ambientes católicos, impregnados por uma interpretação da vida e da igreja, que soe ser pré-científica e pré-conciliar.

Um sintoma do quanto a sombra do fundamentalismo continua a pairar nas mentes e nem sempre é sentida claramente, seja no campo católico seja no campo protestante, é o fato de que, entre os que praticam a leitura fundamentalista, poucos são aqueles que admitiriam, pacificamente, a pecha pejorativa de fundamentalista. Em realidade, antigos aspectos da leitura fundamentalista não mais se aplicam sem ressalvas e integralmente, de modo que o conceito ganhou complexidades que precisam ser matizadas, pois, não é mais definível apenas a partir das condições históricas de seu surgimento. Por isso, no bojo da apresentação da leitura fundamentalista feita pela PCB, o presente artigo pretende discutir algumas características de uma certa leitura da Bíblia que poderia ser caracterizada como fundamentalista, a fim de que o espírito que animou o documento pontifício continue a fazer justiça à natureza do texto bíblico, oferecendo o adequado discernimento dos desvios e empréstimos espúrios à compreensão das Escrituras.

1. As raízes do fundamentalismo: O nascimento do termo – breve resumo histórico

O fenômeno denominado de fundamentalismo possui suas raízes históricas no protestantismo norte-americano do séc. XIX, na esteira das grandes descobertas científicas que marcaram a modernidade. Desde o seu início, se constituiu numa reação destinada a preservar o que se considerava ser os fundamentos da fé cristã, em sintonia com os princípios teológicos herdados da reforma, quais sejam, *sola Scriptura* e *sola fides*⁷. O contexto cultural, portanto, é aquele marcado pela dificuldade em conciliar a visão de mundo guiada apenas pelos axiomas da fé e a sua aparente contradição com as novas

⁷ Para uma excelente apresentação didática das origens do movimento fundamentalista protestante, veja LIMA, M. L. C., “Fundamentalismo, p. 332-359; GIGLIOLI, M., Fundamentalismo.

aquisições da ciência, gerando no ambiente teológico da segunda metade do séc. XIX um clima propício ao que veio a se chamar, pejorativamente, no campo eclesial católico, de crise modernista:

Em alguns anos a quietude tridentina de todo um mundo eclesiástico (A. Dupont) se vira bruscamente abalada quase simultaneamente numa série de pontos fundamentais: natureza da revelação, personalidade de Cristo e seu papel verdadeiro na origem da Igreja e de seus sacramentos, natureza e função da tradição viva no sistema católico e limites da evolução dogmática, autoridade do magistério eclesiástico e alcance real da noção de ortodoxia, valor da apologética clássica⁸

Deste ponto de vista, o fundamentalismo protestante enquanto reação às mudanças culturais corresponde, no campo católico, ao que ficou conhecido inicialmente por integrismo (ou integralismo), também este caracterizado por uma reação à modernidade. Inicialmente capitaneada pelo papa Pio IX através do *Syllabus* (1864), foi posteriormente confirmada no decreto *Lamentabili sane exitu* (1907) e pela encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907), ambos do papa Pio X⁹. Deste modo, a reação católica à crise modernista é marcada pela radicalização da autoridade do magistério e pela interpretação rígida da tradição, levada ao ponto de degenerar-se em tradicionalismo¹⁰. Embora possuam natureza diferente, ambos os movimentos nascem do mesmo solo sociocultural do final do século XIX¹¹.

Quanto ao movimento fundamentalista, ele se orienta, desde o seu início, na direção de uma radicalização da hermenêutica bíblica da reforma protestante do séc. XVI - fundada nos princípios da *sola Scriptura e sola fidei* - e numa perspectiva definida de antemão pelos conteúdos doutrinários considerados como *fundamentos da fé*¹². Contudo, o estabelecimento de quais seriam estes

8 BRESSOLETTE, C., “Modernismo”, p. 1174.

9 GONÇALVES, M., “Integrismo católico e fundamentalismo protestante comparados”. p. 82.

10 O integrismo opera uma inversão no conceito de Tradição, definido como atividade interpretativa dos atos originários: “Cette inversion se produit à mesure que la tradition instituant, qui est la pensée interprétative en acte de se faire, devient tradition instituée, ce qui signifie qu’elle est maintenant reconnue comme l’origine transmise en tant qu’origine”. MOINGT, J. “Religions, traditions et fondamentalismes”, p. 217. Veja também VALADIER, P., “L’expression catholique du fondamentalisme.” p. 19.

11 ORO, I. P. O outro é o demônio, p. 39.

12 Este pelo menos foi o propósito da série de 12 brochuras sob o título *The fundamentals*, distribuídas aos ministros das igrejas nos EUA e na Inglaterra, entre 1909 e 1915. Segundo

fundamentos sofreu diversas formulações, consolidando-se nos seguintes cinco “pontos fundamentais”: “a inerrância verbal da Escritura, a divindade de Cristo, seu nascimento virginal, a doutrina da expiação vicária e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo”¹³. Sobre esses pontos, o movimento fundamentalista protestante se unifica, a fim de proteger o conteúdo da fé da relativização promovida pela teologia liberal, ou mais especificamente, da exegese histórico-crítica de matriz alemã. De fato, o movimento conheceu diversas fases, desde 1878, quando se iniciaram as Conferências Bíblicas, chamadas “*Believers’ Meeting for Bible Study*”, e os primeiros pontos fundamentais foram elaborados. Ao longo das décadas seguintes, o movimento passou por divisões e radicalizações que levaram seus adeptos a um engajamento político articulado, numa postura de batalha cultural. Finalmente, foi através dessa linguagem beligerante propugnada pelo jornalista Curtis Lee Laws, em 1920, que a denominação “fundamentalista” veio a fixar-se¹⁴.

2. Algumas características da leitura fundamentalista da Bíblia

A partir da origem histórica do fundamentalismo, enquanto movimento localizado no interior do protestantismo norte-americano, se percebe que ele traduz apenas o surgimento de um fenômeno que tem no campo bíblico seu cavalo de batalha. Apesar disso, a leitura bíblica que vai se caracterizar como fundamentalista está longe de ser homogênea, de sorte que, em doses diferentes, seus pressupostos podem ser encontrados por toda parte e não apenas nas comunidades protestantes. Por exemplo, segundo a PCB, “a leitura fundamentalista parte do princípio de que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes”, com a ressalva que “literalmente” significa abrindo mão da necessária contextualização histórica. Neste ponto, ainda acrescenta que a leitura fundamentalista “se opõe assim à utilização do método histórico-crítico,

Harris, “These publications did not have a huge impact, but they took on significance in retrospect, as a symbol in the 1920s of a conservative front against modernism”. HARRIS, H., “Fundamentalist readings of the Bible”. p. 331.

13 PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Interpretação da Bíblia na Igreja*.

14 “Num encontro da Northern Baptist Convention, em 1920, Curtis Lee Laws definiu ‘fundamentalista’ alguém que está disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e a lutar pelos fundamentos da fé”. ARMSTRONG, K., *Em nome de Deus*. p. 202.

como de qualquer outro método científico, para a interpretação da Escritura”. Ora, a absoluta identificação entre a leitura “ao pé da letra” e a leitura fundamentalista é, a rigor, rejeitada também por grupos fundamentalistas, que acreditam ser possível uma leitura simbólica quando o caso exige. Nem mesmo a criação em 6 dias é defendida por todos os fundamentalistas, de modo que o “concordismo” entre Bíblia e ciência é uma forma comum de interpretação bíblica, possível de ser encontrada dentro e fora do âmbito da leitura fundamentalista de corte protestante. Neste sentido, a crítica ao evolucionismo típica do movimento fundamentalista não implica em uma atitude generalizadamente anti-científica, como poderia fazer crer o caso da defesa do ensinamento do criacionismo nas escolas norte-americanas¹⁵.

A rigor, tomando os cinco pontos fundamentais recordados pela PCB, se pode observar que o único ponto em que a interpretação bíblica é diretamente implicada é a concepção de inerrância bíblica, os demais incidindo apenas sobre a doutrina a ser “defendida”¹⁶. O conceito de “inerrância bíblica”, que na doutrina católica adquiriu um aspecto mais abrangente e positivo de “veracidade bíblica”, é derivado da concepção de inspiração verbal e é, provavelmente, a característica do fundamentalismo que mais o distingue¹⁷. Embora a noção de inspiração verbal implique uma certa concepção da revelação divina, é importante não atribuir uma noção muito dura desse conceito. Afinal, a noção de puro “ditado” não é exata para caracterizar a inspiração verbal propugnada pela leitura fundamentalista, uma ideia que arriscaria transformar a Bíblia numa sorte de livro “psicografado”. Certamente, este não é o caso, pois, a concepção fundamentalista da inspiração verbal admite a concorrência de elementos culturais na produção das Escrituras. Acredita que as “palavras” da Bíblia são “palavras de Deus” por que Deus protegeu os escritores humanos de erro, enquanto usavam as convenções literárias e o seu próprio estilo¹⁸. Apesar disto, os defensores da inspiração

15 O famoso caso, conhecido como *Trial Scope*, em que o professor foi processado nos EUA por ter defendido o evolucionismo na sala de aula contribuiu para divulgar o estereótipo do fundamentalista negacionista.

16 Note-se que os demais “fundamentos” - a divindade de Cristo, seu nascimento virginal, a doutrina da expiação vicária e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo - todos pertencem ao credo católico, repetido semanalmente na liturgia.

17 HARRIS, H., “Fundamentalist readings of the Bible”. p. 336.

18 HARRIS, H., “Fundamentalist readings of the Bible”, p. 341.

verbal não hesitam em afirmar que “*the scriptures not only contain, but ARE THE WORD OF GOD, and hence... all their elements and all their affirmations are absolutely errorless*”¹⁹ Mas a insistência numa concepção dura da inspiração exige que se mantenha os pés nas duas canoas, de modo que a Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia, documento assinado por centenas de eruditos evangélicos em defesa da inerrância bíblica, reconhece a necessidade de levar em conta a dimensão humana e os condicionamentos culturais inerentes à produção dos textos:

Negamos que Deus, ao fazer esses escritores usarem as próprias palavras que Ele escolheu, tenha passado por cima de suas personalidades.

Afirmamos que as Escrituras canônicas sempre devem ser interpretadas com base no fato de que são infalíveis e inerrantes. No entanto, ao determinar o que o *escritor ensinado por Deus* está afirmando em cada passagem, temos de dedicar a mais cuidadosa atenção às afirmações e ao caráter do texto como sendo uma produção humana. Na inspiração Deus utilizou a cultura e os costumes do ambiente de seus escritores, *um ambiente que Deus controla em Sua soberana providência*; é interpretação errônea imaginar algo diferente.²⁰

A concepção da inerrância bíblica definida pela Declaração de Chicago implica uma noção estreita da inspiração, onde o controle divino sobre o escrito é pleno, ao mesmo tempo em que admite a colaboração do autor humano em sua condição histórica. Percebe-se uma tensão entre a necessidade de atribuir a máxima autoridade ao texto bíblico e o fato notório dos condicionamentos culturais do texto sagrado. Neste sentido, pode parecer caricatural a maneira como a PCB apresenta a concepção fundamentalista da inspiração bíblica, ao caracterizá-la como uma “recusa em admitir que a Palavra de Deus inspirada foi expressa em linguagem humana”. O que o fundamentalista entende por inspiração se aproxima mais de uma absoluta confiança na proteção divina contra os erros humanos, do que da ideia de um “ditado mecânico”. Toda a preocupação reside em assegurar que os erros, caso pudessem ser encontrados nos manuscritos atualmente disponíveis, “com certeza” eles não estavam nos textos originais, desta forma, aquilo que Deus quis que o autor humano escrevesse fica protegido. Esta explicação para a ideia da inerrância, diga-se,

19 HARRIS, H., “Fundamentalist readings of the Bible”, p. 341, onde cita Hodge and Warfield, pioneiros do fundamentalismo bíblico.

20 INTERNATIONAL COUNCIL ON BIBLICAL INERRANCY, *Declaração de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia*.

ao arrepio da razão, não é sem consequências. Ela arrisca a infantilização do leitor, sugerindo que ele deve extinguir o espírito crítico, em benefício de uma sorte de “fetichização” do texto bíblico²¹. Essa condição se dá pelo pavor de produzir, pela dúvida, uma afronta blasfêmica a Deus que, uma vez identificado à letra bíblica, passaria por mentiroso, caso algum erro pudesse ser admitido num texto concebido como verbalmente inspirado.

3. Consequências para a interpretação bíblica

Visto que a leitura fundamentalista possui diferentes graus de aplicação e não reflete uma opinião unânime, é compreensível a costumeira rejeição do rótulo, mesmo quando a interpretação bíblica é claramente viciada pelos seus pressupostos. Neste sentido, a leitura fundamentalista da Bíblia se diferencia de outras leituras bíblicas, entre outras coisas, pela sua recusa em aceitar a condição subjetiva, inerente às múltiplas possibilidades de sentido que todo texto possui. Ao reduzir ao mínimo a natureza literária do texto inspirado, a concepção de inerrância tem como corolário a pressuposição de um sentido único para toda a Escritura, definido a priori pelo conjunto de doutrinas chamadas de “fundamentais”. Por conseguinte, a concepção de uma variedade teológica, resultado do progresso da revelação ao longo do caminho histórico percorrido pelo texto sagrado, soa contraditória à sua condição de palavra divinamente inspirada. É necessário reformar a ideia de inspiração bíblica para escapar à armadilha da inspiração verbal, subjacente à toda leitura bíblica fundamentalista.

Neste sentido, a ideia do puro ditado mecânico não colabora na compreensão do fundamentalismo e contribui ainda mais para a construção caricatural de um fenômeno que, em última instância, é uma resposta às inquietações da época atual, marcada por incertezas. Sobre este tema, Bauman sugere, de modo ousado, uma avaliação ironicamente positiva do fundamentalismo pós-moderno, afirmando que “o fundamentalismo é um remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e pós-moderna”. Em seguida ele explica:

Longe de ser uma explosão de irracionalidade pré-moderna, o fundamentalismo religioso, (...) é uma oferta de *racionalidade alternativa*, feita sob medida para os genuínos problemas que assediam os membros da sociedade pós-moderna. (...) Se a

21 MOINGT, J., “Religions, traditions et fondamentalismes”, p. 217

racionalidade típica do mercado se subordina à promoção da liberdade e prospera sobre as incertezas das situações de execução da escolha, a racionalidade fundamentalista coloca a segurança e a certeza em primeiro lugar e condena tudo que solapa essa certeza.²²

Na perspectiva pós-moderna, se poderia afirmar que a grande ameaça contra a qual se volta o fundamentalismo não é mais tanto o pensamento liberal motivado pelas aquisições da ciência, quanto a resistência em aceitar a pluralidade de sentidos inerente a toda atividade humana, de sorte que a ênfase quase exclusiva no autor divino das Escrituras busca ingenuamente eliminar esta possibilidade (nisto se encontra justificada toda atitude de intolerância religiosa tão comum ao fundamentalismo, inclusive internamente ao campo cristão, notadamente ao cristianismo romano). Quando a Bíblia é concebida como a Palavra de Deus sem mediações, a consequência natural é a negação de toda contradição que não possa ser explicada, seja pela progressão da revelação bíblica, seja pela natureza metafórica da linguagem. Para a visão de mundo fundamentalista, a ambivalência como condição humana precisa ser excluída para dar lugar a uma concepção pura, homogênea e linear da vida, que exclui as complexidades inerentes aos conflitos, limitações e fraquezas, associadas equivocadamente ao pecado. Do ponto de vista psicológico, o embate pode ser caracterizado pela abertura ou fechamento à dimensão simbólica que constitui o ser humano enquanto ser de cultura (Cassirer):

O que distingue o funcionamento do espírito “fundamentalista” ou “literalista” e o espírito aberto a uma visão simbólica, é a maneira de compreender as convenções e de se conformar a elas. No primeiro, se encontrará uma obstinação – mais ou menos rígida e repetitiva – a se fixar à materialidade do que é convencionalizado; no segundo, se encontrará um pensamento rico em imagens e em nuances, capaz de fazer valer o que é convencionalizado de uma maneira criativa e pessoal, capaz de comunicar sentido com palavras e gestos habituais.²³

A leitura bíblica fundamentalista reflete uma atitude diante do mundo, antes de ser uma atitude diante do texto bíblico ou da religião como tal. Comporta uma tendência ao comportamento patológico (obstinação, rigidez, repetição), que se desenvolve principalmente através de modelos de educação marcados pela rigidez de pensamento e pouco espaço para a livre expressão. A ocorrência de fatores psíquicos e culturais, em si mesmos externos à religião, permite compreender a facilidade com que a razão é colocada em suspensão na

22 BAUMAN, Z., O mal-estar da pós-modernidade, p. 228-229.

23 JASPARD, J.-M. “Signification psychologique d'une lecture, fondamentaliste de la Bible”. p. 210.

leitura fundamentalista cristã, bem como no que se refere a toda e qualquer proposta religiosa disponível para o consumo no mundo atual. Os esoterismos e teorias espirituais de todo tipo não pedem mais do que a credulidade de seus leitores para lhes propor respostas existenciais, por vezes lançando mão de artifícios pseudocientíficos para encobrir a irracionalidade fundamental. Não à toa, o caminho de obnubilação das exigências da razão, habituada a questões práticas do cotidiano, se volta para a dimensão afetiva ou relacional da vida humana, a única que é capaz de estabelecer um compromisso com um tipo de verdade que não depende da razão para existir. Nesse sentido, pelo viés psicológico, confirma-se o vínculo entre a cultura pós-moderna e o fundamentalismo, como proposto por Bauman, de modo que a leitura fundamentalista da Bíblia é um sintoma e não a doença, da qual a religião é apenas o hospedeiro.

Conclusão

A leitura fundamentalista da Bíblia possui um espectro de possibilidades que permite diagnosticar, em certas abordagens ao texto, mais ou menos fundamentalismo, segundo o grau de abertura ou fechamento à dimensão simbólica do seu leitor. Por isso, os estereótipos não ajudam a compreender o verdadeiro alcance do problema da leitura fundamentalista, pois os rótulos tendem a ter valor apenas para o outro, servindo muito raramente para a autocrítica. O documento da PCB, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, apresenta a leitura fundamentalista “aos” católicos e como uma advertência “aos” católicos, e não como uma instrução de caráter apologético. Não pretende munir os católicos de argumentos contra os outros, os “fundamentalistas”. As características ali atribuídas, genericamente, à leitura fundamentalista, não precisam estar sempre e integralmente presentes para que uma leitura bíblica possa ser caracterizada como fundamentalista. É possível uma adesão seletiva da doutrina da inerrância Bíblica e da inspiração verbal, admitindo-a para alguns textos e negando-a para outros, afirmando ora sim, ora não a identidade rígida entre a Bíblia e a Palavra de Deus. É possível ser fundamentalista mantendo uma atitude de concordismo com a ciência, encontrando uma explicação plausível e “cientificamente” aceitável para as pragas do Egito, por exemplo, ao invés de aplicar critérios propriamente literário às Escrituras. É possível adotar um método de análise histórica na leitura bíblica e ainda assim

tirar conclusões viciadas por pressupostos doutrinários previamente estabelecidos e compreendidos acriticamente.

A atitude fundamentalista pode se insinuar mesmo onde a *sola Scriptura* e a *sola fidei* não é lei. A exclusividade de uma interpretação tradicional representa uma forma de fechamento ao simbólico e, conseqüentemente, às camadas interpretativas que a dimensão histórica do texto descortina ao revelar seu substrato cultural, e portanto, prenhe de novos significados dentro do processo de interpretação contínua (ou infinita) que a leitura em si comporta. Por isso, a prática da leitura não fundamentalista é um exercício exigente, pois ela será sempre desestabilizadora, provocativa, criativa e impregnada de senso de novidade espiritual, elementos desafiadores que remetem à complexidade da vida. Ela suscita dúvidas e produz novas certezas, pois tende ao oposto do que propõe a principal tese fundamentalista do sentido único das Escrituras, transmitido pelo Espírito Santo ao autor humano de modo infalível. Não cabe na crítica da leitura fundamentalista apresentada pela PCB uma revisão das atitudes concretas que ameaçam o projeto de interpretação da Bíblia apresentado aos católicos, não era seu propósito. Por isso, para tornar efetivo seu intento de prevenir os católicos de uma leitura fundamentalista, é importante reconhecer as raízes culturais e psicológicas que estão na base do fundamentalismo, pois essas são as mesmas a que todos estão submetidos. Uma vez convencidos do prejuízo que valores autênticos como a fé na revelação bíblica também podem causar à fé e religião genuínas quando tomados de modo absoluto (fundamentalismo), a leitura bíblica será uma leitura sempre em progresso e sempre capaz de comunicar sua atualidade, oferecendo perspectivas novas aos problemas de sempre.

Referências bibliográficas

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRESSOLETTE, C. “Modernismo”. In: LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia.** Paulinas; Loyola, São Paulo, 2004. p. 1173-1176.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GEFFRÉ, O. P. C. La lecture fondamentaliste de l'Écriture dans le christianisme. **Études**, v. 397, n. 6, p. 635-645, 2002.

GIGLIOLI, M. **Fondamentalismo**: contributo alla storia di un termine controverso. Tricase: Youcanprint, 2016.

GONÇALVES, M. Integrismo católico e fundamentalismo protestante comparados: historicidade, aproximações e distanciamentos”. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 2, p. 79-103, 2012.

HARRIS, H. “Fundamentalist readings of the Bible”. In: PAGET, James Carleton et al. (Ed.). **The New Cambridge History of the Bible**: Volume 4, From 1750 to the Present. Cambridge University Press, 2012. p. 328-343.

INTERNATIONAL COUNCIL ON BIBLICAL INERRANCY, **Declaração de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia**, Chicago, 1978. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm>. Acesso em 22 jul. 2023.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. “*Weltanschauung*”. In: IDEM, **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. [ebook]

JASPARD, J.-M. Signification psychologique d'une lecture, fondamentaliste de la Bible. **Revue théologique de Louvain**, v. 37, n. 2, p. 200-216, 2006.

LIMA, J. A. Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3152>>. Acesso em: 10/07/2023.

LIMA, M. L. C. Fundamentalismo: Escritura e Teologia entre fé e razão. **Atualidade Teológica**, v. 33, p. 332-359, 2009.

MALHEIROS, I. Teologia ou estereótipo: O que define o fundamentalismo cristão. **PLURA: Revista de Estudos de Religião**, v. 6, n. 2, p. 256-277, 2015.

ORO, I. P. **O outro é o demônio**: uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996,

PEREIRA, M. B., “Modernidade, fundamentalismo e pós-modernidade.” **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 1, n. 2, p. 205-263, 1992.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, **Interpretação da Bíblia na Igreja**, Vaticano, 1993. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_on_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n8p325

VALADIER, P. L'expression catholique du fondamentalisme. *Tumultes*, v. 1, n. 1, p. 15-23, 1992.

Carlos André da Cruz Leandro

Doutor em Teologia pela Université Catholique de Louvain (Louvain – Bélgica)
Docente do departamento de Teologia da Universidade Católica de Salvador
E-mail: carlos.leandro@pro.ucsal.br

Recebido em: 05/09/2023

Aprovado em: 26/09/2023